

**ANÁLISE DA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA *THE MEMOIRS OF CHRISTOPHER COLUMBUS* (1987) SOB UMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIALISTA**

**ANALYSIS OF THE HISTORIOGRAPHIC METAFICTION *THE MEMOIRS OF CHRISTOPHER COLUMBUS* (1987) FROM A POST-COLONIAL PERSPECTIVE**

Maricélia Nunes dos Santos<sup>1</sup>  
Luana Paiola<sup>2</sup>

“A história não quer se repetir – o amanhã não quer ser outro nome do hoje –, mas a obrigamos a se converter em destino fatal quando nos negamos a aprender as lições que ela, senhora de muita paciência, nos ensina dia após dia.”

Eduardo Galeano

**RESUMO**

O presente artigo analisa a constituição da narrativa na obra *The Memoirs of Christopher Columbus* (*As Memórias de Cristóvão Colombo*, 1987b), de Stephen Marlowe, com base no pós-colonialismo, pontuado por Bonnici (1998) e Ballestrin (2013), questionando quais aspectos da teoria podem contribuir para a leitura e compreensão da obra. Colombo é retratado como um sujeito fragmentário, sob a perspectiva de Hall (2006), indagando os pressupostos da historiografia oficial e os limites do tempo na metaficção historiográfica. Com isso, verifica-se que o pós-colonialismo permite um olhar aprofundado e plural sobre o texto, identificando características como a ruptura com a verdade única, a desconstrução e o questionamento de preconceitos constituídos sob uma epistemologia colonialista.

**Palavras-chave:** Metaficção historiográfica, Pós-colonialismo, *The Memoirs of Christopher Columbus* (1987a).

**ABSTRACT**

This article analyzes the narrative constitution in *The Memoirs of Christopher Columbus* (1987a), by Stephen Marlowe, based on post-colonialism, studied by Bonnici (1998) and Ballestrin (2013), questioning which aspects of the theory can contribute to reading and understanding the work. Columbus is portrayed as a fragmentary subject, based on Hall (2006), inquiring about official historiography's assumptions and the time limits in historiographic

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da UNIOESTE (2016). Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da UNIOESTE (2014). Graduada em Letras (Português/Espanhol) pela UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2011). Professora do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

<sup>2</sup> Formada em Letras (Português/Inglês e Respectivas Literaturas) pela UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2023) e graduanda do curso de Psicologia pela UNIPAR - Universidade Paranaense, campus Cascavel - PR.

metafiction. Therefore, post-colonialism allows an in-depth and plural look at the text, identifying characteristics such as the rupture with a single truth, the deconstruction, and the possibility to question prejudices constituted under a colonialist epistemology.

**Keywords:** Historiographic Metafiction. Post-colonialism. The Memoirs of Christopher Columbus (1987a).

## Introdução

Estudando a metaficção estadunidense pós-moderna *The Memoirs of Christopher Columbus* (*As Memórias de Cristóvão Colombo*, 1987b), de Stephen Marlowe, o artigo observa as influências pós-colonialistas na construção do sujeito na obra. Inicialmente, é importante ressaltar que a obra é permeada por confluências históricas e marcas de seu momento de produção. *The memoirs of Christopher Columbus* (1987a) é uma narrativa em forma de autobiografia dividida em 21 capítulos. O enredo se volta à história de Cristóvão Colombo, desde seu nascimento até a sua morte, essa trajetória se inicia em um parto em alto mar, isto é, o navegador nasce em meio ao Mediterrâneo, se inserindo em uma perspectiva de identidade nacional fragmentada: não é italiano, assim como não é espanhol.

Sua vida é repleta de variáveis: ele trabalha como provador oficial para um Cardeal, como espião na guerra contra os árabes em Granada e, por fim, morre em um mosteiro, esquecido para o resto do mundo. As viagens marítimas ocorrem sob pressão e insistência, levando o descobridor ao “Outro mundo” e defrontando-o com questões como a escravização e a cristianização dos povos originários. Assim, em torno desses encontros e desencontros se constitui um herói, quase picaresco, que erra, falha e se fragmenta frente à realidade opressora das grandes navegações.

O autor, Stephen Marlowe – chamado Milton Lesser –, nasceu em 1928, no Brooklyn, em Nova York, e morreu em 2008, após morar em países da Europa e produzir uma série de histórias retratando detetivescas e romances historiográficos como “*Colossus*” (1966), sobre o pintor Goya; *The death and life of Miguel de Cervantes* (*A morte e vida de Miguel de Cervantes*, 1991); e *The lighthouse at the end of the world* (*O farol no fim do mundo*, 1995), sobre o autor inglês Edgar Allan Poe. Ao longo de sua carreira, utilizou de vários pseudônimos, como Adam Chase, Andrew Frazer, C.H. Thames, entre outros.

Com isso, o texto estudado é analisado sob o viés da metaficção historiográfica, ou seja, uma obra que expõe seu próprio processo de escritura, apresentando interlocuções e estratégias como carnavalização e ironia, conforme a conceituação bakhtiniana, além de realizar a confluência entre teorias históricas, filosóficas e sociológicas. Nesse tipo de produção, o narrador atua de maneira dialógica e anacrônica, incluindo o leitor no processo formativo da obra, expondo as artimanhas narrativas que o envolvem, de modo a trazer consciência ao mesmo interlocutor do caráter parcial das estruturas históricas.

Acerca dos processos históricos, nota-se a frequente defesa de uma história positivista e estanque no real instituído pela modernidade cientificista; no entanto, inúmeros discursos foram marginalizados a fim de veicular apenas uma perspectiva. As obras revisionistas de eventos históricos atuam no sentido de colocar em xeque a história vista como imparcial, relacionando as personalidades reais aos fatos históricos previamente estabelecidos. Sob essa perspectiva, as obras de revisão histórica buscam “compreender o imperialismo e suas influências, como um fenômeno mundial” (BONNICI, 1998, p. 10). Isto é, verificar e discutir os resultados e projeções do imperialismo no contexto abordado pela obra em específico é uma possibilidade criada pelo pós-colonialismo.

Em *The Memoirs of Christopher Columbus* (1987), a narrativa é protagonizada por Colombo, sujeito fragmentado que vive o momento da colonização realizando comentários anacrônicos acerca dos costumes e instituições desse período, respeitando pouco os fatos narrados pela historiografia oficial. O pós-colonialismo, nesse sentido, busca verificar o real histórico sob outras perspectivas que não foram capazes de possibilitar espaço ou voz ao colonizado. Assim, o questionamento proveniente dessa construção da metaficção histórica estudada é: Quais aspectos do pós-colonialismo contribuem para a leitura e análise da obra?

Para responder a essa pergunta, deve-se perceber que a mescla entre historiografia e ficção presente na obra, direcionado o foco a um descobridor fragmentado, mostra a inscrição do sujeito na história de maneira menos estanque ou positivista, visto que a realidade difere do fazer histórico. Colombo é visto e narra a si mesmo, como narrador protagonista, enquanto um sujeito pós-moderno permeado de

questionamentos morais e filosóficos, aproximando o “descobridor” mítico do homem comum.

São utilizadas, portanto, as teorias pós-colonialistas no sentido de observar como se desenvolveu o colonialismo a partir da narrativa de um autor estadunidense e de um narrador personagem europeu, branco e privilegiado. Os artigos “Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais” de Bonnici (1998) e “América Latina e o giro decolonial” de Ballestrin (2013) nortearam esses estudos e percepções. Inicialmente, trata-se da teoria da identidade no pós-modernismo, de Stuart Hall (2006), a fim de compreender a fragmentação do sujeito de Colombo. Depois, o estudo volta-se à definição do termo pós-colonialismo observando as relações de cultura e imperialismo no *corpus*. Em seguida, é estudado o caráter perspectivista de descentramento das narrativas, descolonização e espaço de fala para sujeitos subalternizados, notando como o colonizado e o colonizador interagem na obra de Stephen Marlowe, ou seja, a relação de Colombo com os índios em um contexto dialético.

Observando o colonialismo a partir da obra de um estadunidense, há o objetivo de conhecer, de maneira crítica, um ponto de vista frente ao processo de exploração das américas. Para além disso, pode-se pensar que as reflexões pós-coloniais colaboram na visualização do *corpus* desvelando e verificando se presentes evidências das relações entre colonizador e colonizado, buscando perceber a medida em que a obra reforça ou rompe com uma perspectiva colonialista.

Assim, foi realizada uma revisão bibliográfica inicial, verificando confluências e distanciamentos do discurso histórico e do discurso ficcional na obra por meio de procedimentos qualitativo-interpretativos. A pesquisa pode, ainda, ser classificada como descritiva e exploratória, pois realiza um levantamento e descrição de características da obra sob análise. Assim, a proposta do estudo bibliográfico é: construir relações e esclarecer aspectos acerca do *corpus* e, também, da imutabilidade sistemática e positivista do real histórico. Por fim, vale ressaltar que, sob o método proposto, pode-se realizar a produção de um estudo que verifique a constituição de uma obra que propõe o rompimento com a linearidade do tempo e a unicidade da verdade, questionando os valores previamente instituídos e a colonização exploradora das Américas.

## **1. O colonialismo e suas expressões**

Cristóvão Colombo é narrativamente construído como uma personagem pós-moderna. No entanto, percebe-se que a narrativa está permeada por um discurso que se volta a questionamentos pós-coloniais. Colombo se enxerga sob a égide do patriarcalismo europeu, assim, se percebe enquanto lenda histórica, um homem de grande importância para o mundo. Sua percepção de si como um ser mítico está diametralmente relacionada à visão de Hall (2006) acerca dos indivíduos e sua identificação no mundo pós-moderno.

Na modernidade tardia, de acordo com Stuart Hall (2006), as identidades antigas declinam e novas surgem, contribuindo para a fragmentação dos sujeitos. Depois de tantas mudanças e transformações devido à globalização, os homens se fragmentam, o centramento no sujeito é deslocado, o “sentido de si” é desestabilizado. Hall explica que após a Segunda Guerra Mundial os homens são multifacetados, assumindo diferentes identidades ao longo do tempo, pois são constituídos historicamente. É notável que a personagem Colombo, também, se constrói ao longo da narrativa, sua jornada heroica é, também, o processo de constituição de um sujeito pós-moderno.

Apesar de o protagonista estar em uma sociedade mais estática – a idade moderna, durante os anos 1500 –, seu real era bastante fluído e as próprias fronteiras naturais não eram fixas já que, em suas navegações, ele acessava mundos apenas imaginados. O sujeito cartesiano, íntegro, foi se descentralizando e se deslocando à medida que as evoluções tecnológicas foram aparecendo. Hall (2006) explica que os avanços teóricos analisando o sujeito se deram em Marx, Freud, Saussure e Foucault. Marx situou o ser humano na história e nas condições materiais dadas a ele por seu tempo, Freud trouxe à tona os processos do inconsciente, Saussure ressaltou a língua enquanto um sistema social retirando o sujeito do papel de autor e Foucault expôs o poder das instituições na regulação dos indivíduos.

Lacan (1998) compreende, também, o ser como cindido, isto é, o *eu* difere da consciência, para além disso, o ser apresenta uma falha constituinte que o impede de ser “inteiro”: a falta é parte do ser fragmentado. A relação desse sujeito fragmentado com sua nação se dá ao nível da representação cultural, no caso de Colombo, percebe-se uma intensa falta de pertencimento – como a própria personagem menciona –, já que em todos os países ele se sentia como um estrangeiro: para os autóctones ele trouxera a

morte; entre os portugueses, era indesejado; para os italianos, era um espanhol; para os espanhóis, era um italiano.

O narrador cita: “*Here on my flagship, Admiral of the vast Ocean Sea which surrounds me, I stand alone. [...] For the first time it's driven home to me that I am a foreigner, as uncertain of their response as if I didn't speak the language*” (MARLOWE, 1987a, p. 192-193)<sup>3</sup>. Sua identidade é questionada pelo distanciamento frente aos outros tripulantes, apesar de ter o título elevado, Colombo – enquanto ser humano – se sente desconectado e preterido nessa relação com marinheiros de diversas culturas com variadas percepções acerca do mundo (ou mar) que os cerca.

As identidades culturais são formadas, ainda de acordo com Hall (2006), por diferentes povos e sujeitos híbridos. Nesse sentido, o autor refuta a noção de uma unidade identitária, afinal, a composição múltipla é incapaz de formar uma representatividade cultural una. Para além disso,

as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do ‘jogo de poder’, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade (HALL, 2006, p. 65).

Logo, percebe-se que, apesar de haver uma identidade nacional, é impossível a fundação de uma unidade épica, já que as tensões e relações de poder estão presentes, ressaltando, amplificando diferenças ou minimizando-as, mas sempre atuam na própria constituição de sujeitos. Colombo, portanto, é uma personagem de consciência identitária difusa, incapaz de se encaixar em rótulos. É um sujeito pós-moderno e, acima de tudo, atravessado pelas discussões pautadas em teorias pós-colonialistas em voga no momento de produção da obra.

Essa instabilidade pós-moderna pode ser observada no trecho: “*I wish I could say that the Great Venture came roaring into my mind like a fierce westerly. But it didn't. It came uncertainly and almost sneakily at first, like the warning tendrils of fog*”

---

<sup>3</sup> “Aqui em minha nau capitânia, almirante do vasto Mar Oceano que me circunda, eu estou sozinho. [...] Pela primeira vez tenho a sensação de, realmente, ser um estrangeiro, tão incerto quanto à reação deles como se eu não soubesse falar seu idioma” (MARLOWE, 1987b, p. 202).

*before the fogbang moves at you like a cliff*” (MARLOWE, 1987, p. 72)<sup>4</sup>. Verifica-se que até mesmo sua maior conquista pessoal e profissional surgiu de forma instável, sem a solidez esperada de grandes heróis epopeicos, sem o planejamento e objetividade supostas pela historiografia.

Fica claro, nesse sentido, que o pós-moderno atende a certas exigências de ruptura do século XX, entretanto, a América Latina busca organizar uma teoria que seja capaz de olhar para a periferia e se desprender do cânone. Segundo Angela Prysthon (2010, p. 6), o pós-modernismo não foi capaz de atender os desejos das culturas periféricas ou de apresentar um “remapeamento teórico do mundo, uma reorganização dos cânones culturais, uma des-hierarquização geopolítica”. Logo, a América Latina e os outros países do “Novo mundo” demandam uma teoria capaz de olhar especificamente para suas realidades subalternizadas.

Sendo assim, Bonnici explica que o pós-colonialismo surge nos anos 70 como “uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências, como um fenômeno mundial e, em menor grau, como um fenômeno localizado” (1998, p. 9). A colonização foi um período de expropriação e desvalorização das culturas dos povos originários. Assim, a influência exercida pelo imperialismo se deu a nível local e global, pois seus efeitos foram sentidos generalizadamente.

Fica claro que os países colonizados não são – nem foram – homogêneos, portanto, sua integração com o capitalismo globalista se dá, de acordo com Prysthon (2010), por meio do uso da diferença como uma forma de resistência, isto é, o mercado global se abre ao multiculturalismo proveniente dos países considerados de Terceiro mundo. No “primeiro mundo”, com o pós-modernismo, vai surgindo o interesse pelo *Outro*, que acaba sendo entendido como o subalterno, o marginal, mesmo assim, se cria um espaço para o colonizado falar e romper com o ciclo perpetuado de abusos contra seus povos e culturas.

Bonnici explica que o pós-colonialismo envolve “um constante questionamento sobre as relações entre a cultura e o imperialismo para a compreensão da política e da cultura na era da descolonização” (1998, p. 9), em outros termos, essa corrente de pensamento busca observar como a produção cultural é influenciada pelo colonialismo a

---

<sup>4</sup> “Gostaria de dizer que a Grande aventura me veio à mente como um forte vento que sopra para ocidente. Mas não foi assim que aconteceu. Ela chegou de maneira incerta, como os primeiros sinais de um nevoeiro” (MARLOWE, 1987b, p. 83).

nível político nos países colonizados. Isso remete, na obra *The memoirs of Christopher Columbus* (1987a), às ações de Bobadilla, um oficial enviado às américas para investigar as ações de Colombo, – também sob a constituição de uma identidade nacional pautada em um jogo de poder colonialista, segundo Hall (2006) – que decide prender o almirante por ter enforcado um espanhol que tentara assassinar seu filho adotivo Yego Colombo.

Sendo assim, a visão do colonizador sobre o colonizado perpassa o âmbito da superioridade, visto que esse oficial age com base nos preceitos culturais e políticos do país colonizador para supor que uma vida espanhola vale mais do que uma vida autóctone. Outro elemento relevante, ao longo da obra, é a fala de Vicente Yanez sobre os nativos e a escravidão: “*Snap your fingers and they'd be slaveys*” (MARLOWE, p. 1987a, p. 202)<sup>5</sup>. Seguido de João Torres que alega a importância de batizá-los primeiro.

Sendo assim, fica explícito o objetivo de expropriação e de obtenção de mão de obra escrava para o ganho financeiro da corte espanhola, seguindo uma percepção homogênea de culturas e individualidades. Colombo, a personagem protagonista, um narrador enviesado e atravessado pelas discussões posteriores a esse período histórico de vilipêndio de direitos, ao escrever no século XX, fragmentado e pós-moderno, se defende dessas visões retrógradas ao dizer:

*Sounds pretty exploitive, doesn't it? In defense, let me say this. The idea of a superior primitive human-ity, uncorrupted by civilization, uncorrupted by us, has been around a long time. But how accurate is this myth of the Noble Savage? What's it based on? The earliest version I know of was by the Italian Pietro Martire (Peter Martyr), who claims to have learned about noble savagery from Vespucci, Magellan and me. [...]. But poor Magellan will die (at the hands of Noble Savages) before he can refute Peter Martyr* (MARLOWE, 1987a, p. 202).<sup>6</sup>

Nos próximos parágrafos, então, o narrador prossegue estudando e analisando o conceito de “Bom Selvagem”, questionando a percepção dos teóricos europeus, visto

---

<sup>5</sup> “Basta estalar seus dedos e eles serão transformados em escravos” (1987b, p. 212).

<sup>6</sup> Esta conversa parece típica de explorador, não é? Em nossa defesa, permitam-me dizer o seguinte. A ideia de uma humanidade primitiva superior, não corrompida pela civilização, não corrompida por nós, esteve me atormentando durante algum tempo. Mas até que ponto posso determinar a precisão desse mito do Bom Selvagem? [...] A primeira versão de que tenho conhecimento é a do italiano Pietro Martire (Pedro Mártir), que declara ter ouvido alusões a respeito de uma nobreza selvagem através de Vespúcio, Magellan e até de mim. o pobre Magellan iria morrer (nas mãos de nobres selvagens) antes de poder refutar Pedro Mártir (MARLOWE, 1987b, p. 213).



que eles nunca se aproximaram dos autóctones. Assim, a personagem rompe com a visão propagada acerca do nativo enquanto “nobre” e “puro”. Para além disso, ainda em diálogo com o leitor, Colombo busca se eximir de quaisquer responsabilidades frente aos efeitos da exploração dos povos: “*Nor was I personally responsible [...] for starting the whole deplorable relationship between lordly white Christian and oppressed bronzy-skinned archipelagan*” (MARLOWE, 1987a, p. 203)<sup>7</sup>.

A personagem alega que os Guanaanis se disponibilizaram e, segundo ele “*all would be rewarded with a trip to Spain, baptism, and exposure to the incalculable benefits of fifteenth-century Spanish culture. Does this sound like exploitation?*” (MARLOWE, 1987a, p. 203)<sup>8</sup>. É frente a essa perspectiva colonial, a visão de que a cultura europeia apresentaria privilégios aos sujeitos, que o pós-colonialismo aparece, construindo novas formas de romper com os preceitos exportados desde a colonização. Outro ponto a ser ressaltado é a visão do autóctone enquanto *outro* marginal, que interessa ao colonizador como um produto e materialidade exótica e curiosa.

Bonnici explica que o pós-colonialismo pode ser definido como atuante no “auto-questionamento do crítico, porque solapa as próprias estruturas do saber, ou seja, a teoria literária, a antropologia, a geografia eurocêtricas” (1998, p. 9). Questionar as estruturas do saber é um ato comum para o narrador do *corpus*, ao questionar a história enquanto ciência estanque, há o aparecimento de uma dúvida estrutural frente à propagação unilateral da historiografia eurocêntrica sobre e acima das vozes marginalizadas, Colombo reflete:

*My every move from the moment I crossed the gunwale of the carrack Santa Maria in the port of Palos would belong to the ages. Before they did sums, small children in school would study the legend into which my life disappeared; for many I became their first undeniable hero. And yet, until past the age of forty [...] I was unknown* (MARLOWE, 1987a, p. 157).<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> “também não fui pessoalmente responsável [...] por ter iniciado o relacionamento totalmente deplorável entre brancos cristãos nobres e os oprimidos índios de pele bronzeada” (MARLOWE, 1987b, p. 213).

<sup>8</sup> “todos seriam recompensados com uma viagem à Espanha, batismo e exposição aos incalculáveis benefícios da cultura espanhola do século 15. Isto lhes parece exploração?” (MARLOWE, 1987b, p. 213)

<sup>9</sup> Todos os meus movimentos, a partir do momento em que cruzei a amurada da nau Santa Maria, no porto de Palos, iriam pertencer à História. Antes de aprenderem a fazer contas, as crianças nas escolas iriam estudar a lenda em que minha vida se transformara; para muitas delas, eu me transformaria em seu primeiro e incontestável herói. No entanto, até depois de completar meus quarenta anos, [...] eu era um ilustre desconhecido (MARLOWE, 1987b, p. 165).

A criação de um herói branco, europeu e homem é parte da constituição de uma realidade na qual o valor se volta àqueles com o poder, para além do heroísmo, o narrador se alça ao nível de lenda, após suas conquistas. O pós-colonialismo atua, portanto, no “engajamento do crítico, porque sua preocupação deve girar em torno da criação de um contexto favorável aos marginalizados e aos oprimidos, para a recuperação da história, da voz e para a abertura das discussões acadêmicas para todos” (BONNICI, 1998, p. 9). Ou seja, pode-se compreender que a construção histórica de Colombo, enquanto um herói, perpassa o discurso colonial, entretanto, ele é rebaixado, ao longo da obra, a um “ilustre desconhecido”, revelando que em seu período histórico quem discordava do consagrado política e religiosamente era apagado, secundarizado.

Esse contraste entre herói e desconhecido põe em evidência como a percepção é alterada pela forma como se conta a história, em outros termos, ele só se tornou um herói porque construiu-se um discurso (colonial) para fazê-lo herói. Se não houvesse o discurso e a ênfase no seu nome, em detrimento de outros colonizadores, seguiria sendo um desconhecido. À medida que se vai questionando esse discurso, rebaixando a personagem, tende a ruir-se.

Ressalta-se que, ao transformar Colombo em desconhecido, rebaixando-o ao nível da humanidade comum, despindo-o do título de lenda, o que se observa é o declínio de um europeu, branco, colonizador, valorizado por seus conterrâneos. Em outros termos, é perceptível que mesmo rompendo com a unicidade da história, a obra atualiza o nome do descobridor, trazendo sua história à tona, novamente. Não aparece, entretanto, a elevação de qualquer autóctone na obra, por isso, verifica-se que um contexto favorável para a recuperação da história e da voz, de acordo com Bonnici (1998), não é criado. Os nativos e sua cultura aparecem, primariamente, quando estão em relação com o explorador e, ainda, acatando suas práticas como Yego, que se adapta às possibilidades apresentadas pelo narrador e chega a conhecer a realeza em roupas de luxo, adornado como um espanhol.

O único marginal com voz, na obra, é Colombo, que de lenda mítica vai sendo desconstruído até tornar-se homem comum e desconhecido. Nesse sentido, a produção da narrativa vai aos poucos rompendo com alguns pressupostos colonialistas, enquanto reforça outros. Essa repetição discursiva também ocorre com as narrativas que veiculavam apenas a voz das personagens historicamente focalizadas repetindo o fazer

histórico. O novo modo de enxergar a colonização, o pós-colonialismo junto à Nova História, é voltado aos discursos marginalizados. Assim, questionar as resultantes de uma relação imperialista, sejam elas a nível individual, sejam a nível sistemático, é imprescindível para a compreensão de um mundo outro, que já não é mais capaz de se organizar sob o jugo de essencialismos.

Ballestrin (2013, p. 90) apresenta que o pós-colonialismo pode ser entendido de duas formas: como um período posterior ao momento de descolonização, vinculado, nesse sentido, “à independência, libertação e emancipação das sociedades exploradas pelo imperialismo e neocolonialismo – especialmente nos continentes asiático e africano”; e como um conjunto de estudos por meio dos quais as vozes de estudiosos da literatura e cultura passam a ganhar evidência, por volta de 1980, em universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Sendo assim, a partir da metade do século XX, com a autonomia do “terceiro mundo” aumentando, aparecem possibilidades de espaço de fala e, para além disso, de uma gradual e crescente independência em relação a países exploradores. Os pensamentos de ruptura passam a ser importantes para situar e sistematizar uma soberania política, econômica e, acima de tudo, intelectual. Portanto, Castro-Gómez entende que o “pós-colonialismo não é apenas um fenômeno econômico e político, mas possui uma dimensão epistêmica vinculada ao nascimento das ciências humanas, tanto no centro quanto na periferia” (apud BALLESTRIN, 2013, p. 93).

Ou seja, o modo de pensar das ciências naturais é oposto às ciências humanas, pois se volta para a experimentação, a causa formal, a quantificação e universalização de processos, de acordo com Boaventura de Souza Santos (2008). Em oposição a essa perspectiva positivista, surge o paradigma emergente, ainda segundo Santos (2008, p. 59-92), para romper com a observação cientificista do mundo, visto que o ser humano não pode ser observado de forma experimental da mesma maneira que um fenômeno natural, pois é constituído em um âmbito social, pautado em uma cultura. Assim, o pós-colonialismo está intimamente ligado a essa mudança epistemológica no modo de se fazer ciência que se iniciou por volta do século XIX.

Voltando-se para o modo de pensar das sociedades, pode-se observar, na obra estudada, um narrador que se depara com realidades questionáveis, tal qual a Inquisição, sendo assim, verifica-se que o assassinato e a tortura de pessoas porventura envolvidas

com elementos desaprovados pela Igreja, como práticas do judaísmo, eram legitimados epistemológica e socialmente. Castro-Gómez explica, ainda, que

Quase todos os autores mencionados argumentaram que as humanidades e as ciências sociais modernas criaram um imaginário sobre o mundo social do “subalterno” (o oriental, o negro, o índio, o camponês) que não somente serviu para legitimar o poder imperial no nível econômico e político, mas também contribuiu para criar os paradigmas epistemológicos dessas ciências e gerar as identidades (pessoais e coletivas) dos colonizadores e colonizados (CASTRO-GÓMEZ, 2005a, p. 20 apud BALLESTRIN, 2013, p. 93).

Fica claro que o paradigma dominante na área científica se aproveitou de teorias pouco coerentes, como a frenologia, para construir juízos acerca dos colonizados, manipulando, até mesmo, suas percepções identitárias de si. No discurso de Colombo, um dos temas que mais aparece ao tratar dos autóctones é a liberdade sexual e o canibalismo, ambos condenáveis para o viés europeizado e católico do real.

Quando Yego se recusa a sair do barco na ilha de Kekeria – alegando a presença de fazendas de engorda de meninos, para a alimentação dos nativos –, o narrador responde: “*You're a Christian now and therefore a rational human being [...] 'not a superstitious savage'*” (MARLOWE, 1987a, p. 292)<sup>10</sup>. Nesse trecho, nota-se o questionamento do conhecimento do autóctone acerca de seu povo, a desvalorização de seus saberes e crenças e a própria inferência de que seres racionais não são supersticiosos – superstições que, ao longo da obra, vão sendo apresentadas enquanto uma prática comum ao cristianismo, mas que eram suspeitas quando se tratava de indígenas. Assim, a unicidade da verdade e do próprio discurso religioso católico como verdade vai sendo desconstruída a partir de encontros com incoerências e inverdades reproduzidas pelos grandes representantes da religião na obra.

Assim, Costa entende que o pós-colonialismo

compartilha, em meio suas diferentes perspectivas, do 'caráter discursivo do social', do 'descentramento das narrativas e dos sujeitos contemporâneos', do 'método da desconstrução dos essencialismos' e da 'proposta de uma epistemologia crítica às concepções dominantes de modernidade' [...] 'colonial' do termo alude a situações de

---

<sup>10</sup> “Agora você é um cristão e, portanto, um ser humano racional [...] e não mais um selvagem supersticioso” (MARLOWE, 1987b, p. 291).

opressão diversas, definidas a partir de fronteiras de gênero, étnicas ou raciais (COSTA, 2006, p. 83-84 apud BALLESTRIN, 2013, p. 90).

Constata-se no pós-colonial, sob a perspectiva de Costa, um intenso diálogo com os pressupostos pós-modernistas, sendo eles: a discursividade do real, a ruptura com percepções de verdade única e a veiculação de narrativas não valorizadas historicamente. Analisando cada um desses aspectos, percebe-se que, em se tratando do caráter discursivo do social, o olhar de Colombo sobre as sociedades autóctones está pautado em seu próprio contexto social e histórico. Isto é, ele, ao se deparar com o diferente, diz: “*These natives of the Indian archipelago are but ten in number and not only unarmed, except for small harmless-looking spears with fish-tooth points [...] they are of an indeterminate shade between, a sort of bronzy color that, with imagination and in dim light, you could almost call red*” (MARLOWE, 1987a, p. 199)<sup>11</sup>.

Nesse trecho, remonta-se a *Carta de Pero Vaz de Caminha* (2003), o *Diário de Colombo* (2003) e outras crônicas do “descobrimento”, que descrevem o primeiro encontro entre portugueses e indígenas e trazem o foco para seu físico, aparência, vestimentas e a falta de metais em suas armas. Desse modo, verifica-se a construção de um discurso pautado nos valores e concepções europeias acerca de um povo e cultura diferentes. É a visão do europeu sobre o colonizado, discursivamente e narrativamente constituída levando em consideração uma construção ideológica e epistemológica pautada no que era relevante e coerente para os europeus do século XV.

Acerca do descentramento das narrativas e das identidades dos sujeitos contemporâneos, como propõe Hall (2006), verifica-se a ruptura com a historiografia tradicional e o rebaixamento da lenda histórica a um desconhecido. Como foi abordado previamente, o herói é transformado em um sujeito simples, que erra e tem dúvidas, fragmentado, duplo e pós-moderno.

Tratando-se da desconstrução de essencialismos, nota-se que o narrador constrói uma teia de questionamentos acerca do próprio real: o tempo é linear? o espaço físico é realmente fixo? a história é, de fato, única? A partir do questionamento das instâncias da narrativa, são indagados, também, os valores de uma sociedade. Exemplo disso é o encontro da personagem com as ações do clero, intensamente relacionadas à Inquisição.

---

<sup>11</sup> “esses nativos do arquipélago das Índias são apenas dez e estão desarmados, exceto por pequenas lanças de aparência inofensiva com pontas de dentes de peixes. [...] a pele deles tem [...] uma espécie de bronzeado que [...] poderia ser chamada de pele vermelha” (MARLOWE, 1987b, p. 209).

Ao se deparar com tribos na África, ele pergunta ao leitor: “*Barbarous, you say? [...] Pass no judgment yet. The Inquisition had been flourishing in Spain ever since Pope Sixtus's decree six years earlier, and we will get there*” (MARLOWE, 1987a, p. 98)<sup>12</sup>.

Isto é, as práticas da Inquisição eram contestadas e criticadas abertamente – em seu diário – pelo narrador, de forma a romper com a perspectiva de bem e mal pregada por religiosos de sua época.

Cria-se, assim, uma poética que propõe uma epistemologia crítica às concepções dominantes, ou seja, é desenvolvido um modo de pensar que rompe o estereótipo, o padrão, o socialmente aceito da época. Entretanto, existem práticas que não são rompidas, exemplo dessas teorias e dizeres opressivos veiculados por colonizadores é a fala de Colombo acerca das percepções de seus conterrâneos sobre os autóctones: “*I want no Mosén Pedro so certain of Indian subhumanity, and no Brother Buil so eager to condemn what he doesn't understand. But I'll need armed men, and an officer I can count on in a fight*” (MARLOWE, 1987a, p. 304)<sup>13</sup>.

Ou seja, o narrador não deseja a companhia desses indivíduos pois suas interpretações de realidade diferem da percepção de Colombo, que por vezes aparece reproduzindo esses discursos que tanto busca negar – como quando alegou que agora convertido Yego era racional –, o que dá à personagem uma certa profundidade. É notável, portanto, que esse sujeito deslocado em um mundo pós-moderno, que, apesar de viver no século XV, se relacionado com o tempo do autor e seus

casos notórios de autodestruição e *burnouts* do final dos anos 60 e a proliferação das experiências com drogas e a esquizofrenia pareceriam não ter mais quase nada em comum com as histéricas e neuróticas do tempo de Freud, ou com aquelas experiências canônicas de isolamento radical e solidão, de revolta individual, de loucura como a de Van Gogh, que denominariam o período do alto modernismo. Essa mudança na dinâmica da patologia cultural pode ser caracterizada como aquela em que a alienação do sujeito é deslocada pela sua fragmentação (JAMESON, 1997, p. 42).

---

<sup>12</sup> “Vocês diriam que eles eram bárbaros? Sugiro que não façam qualquer julgamento ainda. A Inquisição florescia na Espanha, desde há seis anos, e esperem só eu falar sobre ela...” (MARLOWE, 1987b, p. 107).

<sup>13</sup> “Não quero a presença de Mosén Pedro, por causa de sua certeza da sub-humanidade dos índios, e também não quero saber do irmão Buil, tão ansioso por condenar o que não entende” (MARLOWE, 1987b, p. 303).

Sendo assim, Colombo enquanto sujeito fragmentado aparece em sua relação com o mundo buscando voz para falar das pautas que lhe são cabíveis, para romper com pressupostos e preconceitos e, por vezes, repeti-los. Ora, no pós-modernismo, como propõe Jameson (1997), verifica-se uma transformação identitária em vários níveis: tanto na patologia cultural, quanto no modo de expressão dos sujeitos.

Pensando sobre a descolonização, percebe-se que a literatura vem “desmascarando e atacando pressupostos anglocêntricos diretamente” (BONNICI, 1998, p. 11) de modo a criar a possibilidade de substituir a literatura inglesa pela literatura mundial em língua inglesa, ampliando o repertório e permitindo voz àqueles que não eram ouvidos. Nota-se que a proposta de recuperação de idiomas e culturas pré-coloniais está para além da simples valorização, mas perpassa o âmbito de modificações epistemológicas veiculadas em uma sociedade, a constituição de um paradigma emergente, cunhado por Boaventura de Souza Santos (2008).

Verifica-se que “a opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia do sujeito” (BONNICI, 1998, p. 14). Em outros termos, as ideologias que organizam o sistema de saberes de uma cultura vão orientando práticas que acabam sendo introjetadas enquanto identidade. Sendo assim, sabendo que o sujeito se constitui em interação com o outro, consoante Sartre (1997), ressalta-se a relação de reciprocidade, de troca e de interação dialógica. Bonnici explica que

Ambos podem voluntariamente ter a função de objeto para o Outro. Nas sociedades pós-coloniais, porém, o sujeito e o objeto pertencem inexoravelmente a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. É a dialética do Sujeito e do Outro, do dominador e do subalterno (BONNICI, 1998, p. 14).

Portanto, o colonizado equivale a um sujeito que não pode falar, a um objeto que atua enquanto meio para um colonizador, visto que em sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem fixados à perspectiva dominadora, aos valores importados de outra parte do globo. “Não há nenhum espaço a partir do qual o sujeito subalterno sexuado possa falar”, de acordo com Spivak (p. 121, 2010), sendo assim, esse espaço precisa ser criado, tanto para mulheres, quanto para nativos. Na narrativa em questão, observa-se a exaltação da possibilidade de fala após um período de colonização que foi

impossibilitando, incapacitando os indivíduos autóctones de identificação enquanto não objetos, mas sujeitos de direito.

No entanto, no texto, o que aparece não é a fala de um colonizado, de um subalterno marginalizado historicamente, mas a voz do colonizador, discorrendo sobre e influenciando de maneira direta na própria relação de identidade do indígena, como na interação de Colombo com Yego, seu filho adotivo, que acaba acolhendo os valores e práticas culturais do protagonista. Pode-se verificar, então, uma transição de Colombo entre um sujeito idealizado e um indivíduo rebaixado, que, por si, busca um âmbito em que sua voz possa ser ouvida: um diário de memórias no qual ele questiona tudo aquilo que seus biógrafos – quem sempre teve voz – falavam. Para além disso, como propõe Bonnici (1998), as teorias pós-colonialistas, ao abrirem espaço para esse subalterno, podem atacar a estrutura de saber pautada em pressupostos anglocêntricos que propagam e reproduzem a coisificação de indivíduos.

Logo, a partir da apresentação da fase de “descobrimento” e exploração da América pela obra estudada, percebe-se a visão de um colonizador duplo, formado por um herói em decadência e por um homem pós-moderno em fragmentação. Esse ponto de vista, perspectiva utilizada para nortear e organizar os acontecimentos, é um olhar que, por vezes, objetifica o autóctone e sua cultura, como o que ocorre na relação entre Colombo e o cacique Guacanagari, enxergado enquanto um meio para os fins objetivados pelos europeus: encontrar ouro. O resultado da tentativa é uma tribo devastada em conflitos internos e seus povos escravizados e aculturados.

Sendo assim, o romance, partindo da perspectiva do narrador e do próprio autor, discute o silenciamento do colonizado, a constituição de sua identidade sob uma aproximação violenta e desvalorização epistemológica, ou o próprio epistemicídio. Logo, no relacionamento entre Colombo e os autóctones, é perceptível a presença de uma relação de poder díspar, que privilegia e dá espaço àquele que narra, ao colonizador, e omite, silencia, ignora o colonizado.

Para além disso, a própria linguagem da obra é o inglês, uma língua proveniente dos países colonizadores. Elemento esse que vem sendo questionado e transformado ao longo dos estudos pós-coloniais e das reescrituras pautadas na “história vista de baixo” (SHARPE apud BURKE, 1992, p. 39-62). “A língua europeia, estudada em seu padrão culto, não admitia concorrências e, portanto, rejeitava as 'distorções não-canônicas'



oriundas da periferia e da margem” (BONNICI, 1998, p. 11), isto é, o cânone se constitui e positiva de maneira a silenciar tudo aquilo que é diferente, que é marginal.

Destarte, pode-se verificar, na obra estudada, aspectos pós-colonialistas – como questionamento do instituído e das práticas correntes, o rebaixamento do herói europeu e a ruptura com a verdade única –, e, ainda, aspectos colonialistas – como a reprodução de preconceitos presentes em sua época sobre a irracionalidade do nativo, por exemplo.

Fica claro que

Sem dúvida, muitas questões ainda não foram resolvidas, como: a relação da língua europeia trazida pelos colonizadores e as línguas indígenas; a conveniência das traduções; a influência cultural híbrida dentro de uma mesma cultura e fora dela; a paridade da oratura (narrativas orais) com a literatura; os padrões de valores estéticos; a importância das instituições (como as universidades) para a produção literária e crítica; a revisão do cânone literário (BONNICI, 1998, p. 10).

No entanto, esses são pontos de questionamento que, contemporaneamente, têm sido debatidos. Nota-se, por exemplo, a expansão na produção literária em diversas línguas que não o inglês, assim como a valorização cultural e estética de povos previamente desvalorizados. Na obra em pauta, observa-se a escrita na língua inglesa, rompendo com alguns estereótipos e realizando a manutenção de outros. Nesse sentido, quando o narrador cita os cânones da filosofia e menciona autores renomados, há uma regularidade: todos os sujeitos apresentados são Europeus e, sob este prisma, escrevem, em sua maioria, na língua inglesa. Bonnici (1998, p. 16) explica que

A desmistificação da formação e da constituição do cânone ocidental é algo recente e, em parte, deve-se ao desenvolvimento das literaturas pós-coloniais. A excelência do idioma e a complexidade da obra literária produzida e consagrada pelo centro começam a ceder às investigações sociais e políticas que privilegiaram certas obras e certos autores enquanto descartaram outros (obras e autores).

Isto posto, essa constituição eurocêntrica, seja de narrativa, seja de teoria histórica e científica, permeia o contexto da obra. Compreende-se que o autor é um estadunidense, país que também foi explorado pelo “Velho continente”, no entanto, a partir do século XIX, passou “de uma posição política periférica para a de dominante”, o que “contribuiu para a assimilação de parâmetros europeus” (BONNICI, 1998, p. 17)

e, então, conseqüente afastamento de suas origens e desvalorização da construção identitária do autóctone, logo, sua produção literária também se aproxima da prática canonizada europeia.

Assim, a superioridade do colonizador foi sendo sistematizada por discursos e, mesmo, por obras literárias, possibilitando ao colonizado o espaço, apenas, da periferia, relegando, ainda segundo Bonnici (1998), sua manifestação cultural ao signo do “primitivismo”. Sabe-se, entretanto, que a história é um produto linguístico, histórico e cultural inscrito nas consciências de seu tempo, para Linda Hutcheon (1991), com isso, as bases das consciências produtoras de ciência histórica, análise e estatísticas estão, também, perpassadas por uma lógica colonialista, que institui uma supremacia branca, europeia, cristã católica e masculina heteronormativa.

À vista disso, os escritores e obras pós-colonialistas buscam retomar um espaço que foi deslegitimado: um espaço de produção de saberes, histórias e de discursos sobre si. Sob esse diapasão, a reorganização de uma cultura que foi vilipendiada, agora, sob um viés pós-colonialista pode permitir que o subalterno, o marginalizado, fale, conte sua história. No presente texto, observa-se um herói que foi, ao longo da obra, se deparando com sua condição privilegiada sendo desconstruída e, então, tendo que encontrar meios de expressão particulares e de fora do centro para olhar o real sob outra perspectiva.

*The memoirs of Christopher Columbus* (1987a) consegue deslocar o colonizador ao mesmo tempo em que questiona os pressupostos do século XV-XVI e do século XX, rompendo com a própria verdade em seu processo de escritura e construindo uma poética fragmentada, questionadora e ampla, com diversas facetas, assim como seu herói carnavalizado.

### **Considerações finais**

A presente pesquisa se voltou à literatura e à história para compreender o desenvolvimento da obra *The memoirs of Christopher Columbus* (1987a). Ficou claro que existem relações entre a narrativa e o pós-colonialismo, principalmente, pois a obra apresenta diversas possibilidades de observação, tanto de reproduções preconceituosas e colonizadoras, quanto de debates relevantes à criação de um espaço para o subalterno, o marginalizado. Além disso, verifica-se o rebaixamento de um colonizador, um herói e

lenda que se transforma em desconhecido, por obra de seu próprio modo de agir frente ao real contextual de sua época. Para além disso, pode-se verificar, ainda, que a questão de a obra ser escrita por um estadunidense e apresentar Colombo – herói historiográfico – enquanto seu protagonista pode afastá-la dos pressupostos pós-colonialistas, no entanto, é a partir do rebaixamento desse sujeito e das rupturas que sua leitura de mundo propõe que se constitui a pesquisa em pauta.

Com base na teoria de Bonnici (1998) e de Ballestrin (2013), buscando inicialmente entender a origem histórica das teorias pós-coloniais. Após uma compreensão geral, observando relações de cultura e imperialismo no *corpus*, é possível, então, utilizar esse arcabouço teórico para evidenciar imposições coloniais do narrador, um colonizador, e ainda identificar momentos que apresentam um narrador que busca se defender e justificar frente a uma perspectiva atual, marcada pelas reflexões pós-coloniais.

É importante, nesse sentido, observar também o narrador: um sujeito problemático que apresenta uma identidade dupla desvelada pelo autor. Um indivíduo do século XV-XVI que se depara com teorias e compreensões provenientes do século XX. A colonização, portanto, é observada com base em uma perspectiva específica que não possibilita espaço ao autóctone ou ao colonizado para falar, mas que, de certa forma, conecta a vivência marginal de Colombo ao processo de produção de novos discursos e de descolonização epistemológica.

É a partir de uma compreensão relacional de realidade que a protagonista constitui suas impressões ideológica e socialmente situadas, discorrendo, ao longo da obra, acerca de sua vivência em contato com o diferente. Com base nisso, o objetivo geral do trabalho, a partir de uma organização cronológica, esteve voltado a relacionar a metaficção historiográfica em pauta com as teorias pós-coloniais.

Deve-se evidenciar que, ao longo de todo o estudo, a verdade se mostrou frágil e quebradiça, assim como esse narrador protagonista, a história foi apresentada, portanto, enquanto uma faceta possível dentro de uma visão caleidoscópica, ampla, não delimitada ou limitada. Fica claro que a personagem principal percorre sua jornada desconstruindo valores veiculados em sua época e, em sua complexidade, reproduzindo noções colonialistas e imperialistas.

Ressalta-se, entretanto, a incompletude inerente da pesquisa. Se toda interpretação está contextualmente delimitada, os presentes estudos também estão, pois são atravessados por particularidades e percepções únicas, não plurais. Por fim, cabe frisar que a obra *The memoirs of Christopher Columbus* (1987a) é complexa e densa, apresentando inúmeras referências e possibilidades de comparações e intertextualidades. Sendo assim, seu estudo pautado no pós-colonialismo é uma faceta que deve ser observada, no entanto, não é a única perspectiva possível e plausível. Com isso, a presente pesquisa percorreu um caminho de compreensão histórica e epistemológica de cada termo, para, assim, realizar uma análise mais coerente e ampla da obra.

## Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n. 11, 2013. p. 89-117.

BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, n. 19, 1998. p. 7-23.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da USP, 1992.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

LACAN, Jacques (1901-1981). **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MARLOWE, Stephen. **The Memoirs of Christopher Columbus**. London: Bloomsbury, 1987a.

MARLOWE, Stephen. **As memórias de Cristóvão Colombo**. Tradução de Jusmar Gomes. São Paulo: Editora Best Seller, 1987b.

MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992**. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PRYSTHON, Angela. Histórias da teoria: os estudos culturais e as teorias pós-coloniais na América Latina. **Interin**, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 1-25, 2010.

SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em: 29/01/2024

Aceito em: 28/03/2024